

A POÉTICA ANTROPOFÁGICA INCOMPREENDIDA: REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS DO GOSPEL-SECULAR EM BABY DO BRASIL

THE MISUNDERSTOOD ANTHROPOPHAGIC POETICS: MEDIATIC REPRESENTATIONS OF GOSPEL-SECULAR IN BABY DO BRASIL

LA POÉTICA ANTROPOFÁGICA INCOMPREENDIDA: REPRESENTACIONES MIDIÁTICAS DEL GOSPEL-SECULAR EN BABY DEL BRASIL

Míriam Cristina Carlos Silva

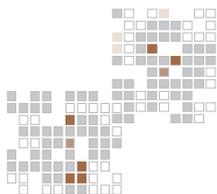
■ Professora pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (PPGCOM Uniso). Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Orientadora deste trabalho. Seus trabalhos mais importantes são: *A Pele Palpável da Palavra* (2009) e *Comunicação e cultura antropofágicas: mídia, corpo e paisagem na erótico-poética oswaldiana* (2007).

■ E-mail: miriam.silva@prof.uniso.br

Isabella Pichiguelli

■ Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Narrativas Midiáticas (NAMI/Uniso/CNPq). Doutoranda e Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba (Uniso). Seu trabalho mais importante é: *Para além do gospel e secular* (2019).

■ E-mail: isabellareisps@gmail.com



RESUMO

Em uma poética antropofágica, as culturas gospel e secular se entrecruzam nas apresentações da cantora Baby do Brasil. Nas representações midiáticas sobre o fenômeno em narrativas jornalísticas, estudadas por meio de análise de conteúdo, o que se observa, porém, é que apesar da catalogação de diversas formas representativas, agrupamentos significativos apontam para incompreensões da mescla gospel-secular operada por Baby do Brasil. Tais construções simbólicas sinalizam a hegemonia de uma segregação das culturas evangélica e secular, o que pode ser indício do que acontece nos demais campos da esfera pública.

PALAVRAS-CHAVE: GOSPEL E SECULAR; BABY DO BRASIL; REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS; NARRATIVAS JORNALÍSTICAS; COMUNICAÇÃO E RELIGIÃO.

ABSTRACT

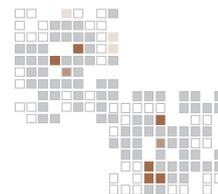
In an anthropophagic poetics, gospel and secular cultures intersects in the presentations of the singer Baby do Brasil. In the media representations about the phenomena in journalistic narratives, studied by content analysis, what are observed, therefore, is that despite the cataloging of various representative forms, significant groupings sign for incomprehension of the gospel-secular mix operated by Baby do Brasil. These symbolic constructions symbolize the hegemony of a segregation of evangelical and secular cultures, what may be an indication that what happens in other fields of the public sphere.

KEYWORDS: GOSPEL AND SECULAR; BABY DO BRASIL; MEDIATIC REPRESENTATIONS; JOURNALISTIC NARRATIVES; COMMUNICATION AND RELIGION.

RESUMEN

En una poética antropofágica, las culturas gospel y secular se entrelazan en las presentaciones de la cantante Baby do Brasil. En las representaciones mediáticas sobre el fenómeno en las narrativas periodísticas, estudiadas a través del análisis de contenido, lo que se observa, sin embargo, es que a pesar de la catalogación de varias formas representativas, agrupaciones significativas apuntan a malentendidos de la mezcla gospel-secular operada por Baby do Brasil. Tales construcciones simbólicas señalan la hegemonía de una segregación de las culturas evangélica y secular, lo que puede ser un indicio de lo que sucede en otros campos de la esfera pública.

PALABRAS CLAVE: GOSPEL Y SECULAR; BABY DO BRASIL; REPRESENTACIONES MIDIÁTICAS; NARRATIVAS PERIODÍSTICAS; COMUNICACIÓN Y RELIGIÓN.



1. Pontos de partida: o gospel e o secular

As reflexões desse artigo possuem origem em indagações elaboradas no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba – UNISO.

Nossos questionamentos têm gênese na observação dos movimentos midiáticos protagonizados pela cantora Baby do Brasil, especificamente os realizados desde 2012, quando estreou a turnê Baby Sucessos e passou a mesclar linguagens e condutas da cultura gospel a ambientes e práticas não religiosas.

A partir de então, a artista – que já foi conhecida como Baby Consuelo, com o grupo Novos Baianos nos anos 1970 – apresenta em shows seu repertório de música popular brasileira, mas os entremeia com expressões e ações características da cultura e da música gospel, uma vez que, desde o início dos anos 2000, professa a fé evangélica, tendo lançado dois álbuns de canções religiosas, ou seja, CDs gospel.

A cultura gospel, segundo Cunha (2017; 2004), opõe-se à chamada cultura secular, que abarca toda e qualquer manifestação cultural que não possui caráter religioso protestante, ou seja, evangélico.

Essa separação atua centralmente na construção midiática de uma identidade própria dos evangélicos brasileiros na contemporaneidade (apesar da diversidade de igrejas, liturgias e interpretações de textos sagrados), instituídos como nicho de mercado para o qual se destinam produtos e serviços específicos. Além disso, os evangélicos são um grupo atuante e crescente nos diversos campos da esfera pública, a exemplo da política partidária do país e dos espaços de mídia tradicionais ou digitais (Cunha, 2017).

No caso de Baby do Brasil, especialmente a partir da turnê Baby Sucessos, essa separação entre culturas gospel e secular não existe. Na costura entre aspectos considerados sagrados ou profanos, a artista lança mão do humor – como

dispositivo dialógico (Bakhtin, 1997)¹ –, para falar sobre sua fé a públicos não religiosos, seja quando ri em shows e entrevistas, quando empresta a palavra *Matrix* de uma narrativa transmidiática, ou quando cria neologismos como o termo *Popstora* (fusão de Pop com Pastora) para classificar sua própria religiosidade (Pichiguelli, 2017).

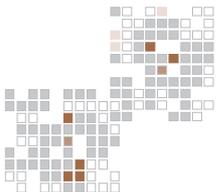
De forma amalgamada, a cantora transita entre o gospel e o secular, fundindo-os. Em seus shows (Rock, 2015; Brasil, 2017), Baby do Brasil dança, rebola, movimentando-se corporalmente, ora expressando sensualidade, ora em gestualidades que remetem a um louvor a Deus; altera letras de canções como em *Menino do Rio*, ao trocar “dragão tatuado no braço” por “Jesus forever tatuado no braço”; fala sobre sua fé, grita “Aleluia!”, ao passo que canta, também em *Menino do Rio*: “eterno flerte, adoro ver-te / menino vadio...”, entre outros exemplos (Pichiguelli; Silva, 2017a).

Diante deste quadro, em que sagrado e profano se misturam, é que surge a inquietação para a pesquisa, pois tais cruzamentos culturais podem ser reconhecidos como desvios nos padrões admitidos como vigentes em nossas dinâmicas sociais, culturais e, conseqüentemente, políticas.

Nessa direção, as atenções se voltam às mediações do que possui caráter religioso nas mídias – no caso deste trabalho, no jornalismo –, pois é viável apreender, dos processos de produção que o envolvem, representações e significações que podem revelar aspectos basilares de nossas tessituras socioculturais (Cunha, 2016).

Assim, a instigação, por partir das midiatisações de Baby do Brasil, de sua religiosidade midiatisada, deve-se à possibilidade de investigar, com respeito ao trânsito entre os aspectos das culturas evangélica e não religiosa, possíveis al-

¹ O princípio da dialogia, segundo Bakhtin (1997), revela que cada enunciado “está voltado não só para o seu objeto, mas também para o discurso do outro acerca desse objeto” (p. 320).



terações quanto às construções simbólicas que se fazem predominantes na sociedade brasileira.

Isso porque a condição de celebridade de Baby do Brasil – com cobertura de impensas das culturas gospel e secular –, permite uma observação ampla das representações em narrativas jornalísticas sobre um fenômeno que, como qualquer outro, não ocorre de forma isolada, mas pode se manifestar em distintos lugares e grupos de pessoas.

2. Entremeios: o gospel-secular

Nossa proposta é, portanto, compreender de que modo a religiosidade manifestada por Baby do Brasil é percebida por impensas destes dois segmentos, ao mesclar características do gospel e da cultura secular.

Para tanto, a fim de dispor de chaves de leitura para averiguar as representações das impensas sobre essa religiosidade de Baby do Brasil, é necessário, antes, olhar para o fenômeno em perspectiva compreensiva (Martino, 2014), que não se direciona ao julgamento, tampouco à aceitação ingênua, mas à percepção da complexidade, capaz de admitir o incoerente e o ilógico, inescapáveis ao humano, de modo que se possa enxergar seus elementos constitutivos, para além dos aspectos objetivos.

Em análise primeira dos aspectos culturais e comunicacionais (Pichiguelli; Silva, 2017a), e logo, constitutivos, presentes nas narrativas tecidas por Baby do Brasil, compreende-se que a própria cantora pode ser considerada, enquanto celebridade nos âmbitos das mídias, uma narrativa midiática, pois à medida que contribuem para a produção da cultura – com “um importante papel de mediação” (Silva; Santos, 2015, p. 1) –, as narrativas também são produções culturais.

Baby do Brasil é, assim, um texto da cultura (Lotman; Uspenskii, 1981, p. 41), uma vez que “a própria existência da cultura pressupõe a construção dum sistema de regras para a tradução da

experiência imediata em texto”. Essa configuração torna possível analisar Baby do Brasil, enquanto narrativa midiática, a partir das vinculações com outros textos culturais ao entorno e seus subtópicos, que a compõem, afinal, cada texto da cultura se organiza através de associações constantes na esfera interna de seus próprios níveis e, também, entre os níveis de demais textos culturais (Lotman, 1978).

De forma interna ou externa, e de modo mais próximo ou distante nestas associações, despontam como essenciais para compreender Baby do Brasil como narrativa, em seu trânsito entre a cultura gospel e a cultura secular:

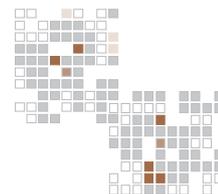
a) linguagem poética da antropofagia (detalhada mais à frente), que mescla elementos culturais distintos e até antagônicos (como são vistas as culturas gospel e secular), existente desde o início da carreira da artista, com o grupo Novos Baianos, que misturava samba com rock, metal com pandeiro, na esteira do movimento Tropicália, que explorou a linguagem antropofágica a partir da década de 1960;

b) experiências de espiritualidade presentes em toda a vida de Baby do Brasil – luta contra o diabo, tentativa de viver a partir da leitura da Bíblia², busca por milagres e por manifestações divinas – algumas relatadas ou midiaticizadas pela artista mesmo antes de declarar sua conversão à fé evangélica pentecostal;

c) presença de um vocabulário, nas canções do repertório secular de Baby do Brasil, semelhante ao usado em músicas gospel;

d) elementos de fé e de espiritualidade que podem ser identificados em diversas canções seculares, como Se Eu Quiser Falar com Deus, de Gilberto Gil, entre outras;

2 Sobre os Novos Baianos, incluindo Baby do Brasil, diz Vargas (2011, p. 468): “os ensinamentos da Bíblia (sempre na interpretação particular que faziam) os aproximavam das preocupações dos jovens da época na tentativa de construção de uma sociedade diferente na qual imperasse a paz e o amor”.



e) movimentos de grupos musicais evangélicos nos anos 1970, antes da explosão da cultura gospel no Brasil nos anos 1990, que buscavam dialogar com as canções seculares em seus processos de composição, inserindo ritmos brasileiros e letras mais poéticas nas músicas cristãs (Cunha, 2004);

f) artistas evangélicos que, na contemporaneidade, rejeitam o selo gospel, em busca de maior liberdade nas explorações musicais e temáticas, a exemplo de Marcos Almeida, João Alexandre, Paulo Nazareth, entre outros.

A antropofagia eclode, desse modo, como elemento chave de análise, pois é por meio de um processo antropófago que Baby do Brasil comunica ao público a sua professada fé evangélica pentecostal, permeada pela cultura gospel, em seu retorno ao repertório de música popular brasileira a partir da turnê Baby Sucessos (2012 – 2015).

Essa compreensão se dá, pois a antropofagia é um modo de trabalhar artisticamente a linguagem, por meio da devoração crítica – e auto-crítica – do diverso. Há a combinação de textos distantes culturalmente, a mestiçagem, através da qual se criam outros elementos culturais, com atuação fundamental do humor (Silva, 2007).

Na perspectiva de Oswald de Andrade (1976), que pode ser considerado pensador da cultura brasileira (Silva, 2007), a metáfora da antropofagia propõe – pela devoração crítica do alheio – um processo de desierarquizações e transformações mútuas.

A antropofagia é uma poética das diferenças (Silva, 2007), nas quais os distintos campos culturais (a exemplo do que se considera alto/baixo, dominante/colonizado, ortodoxo/heterodoxo) são revalorados, mas não completamente descartados, posto que servem de matéria-prima para o novo, que emerge das fusões antropofágicas.

O processo antropofágico pode ser considera-

do comunicacional e ser relacionado à definição de Bakhtin (1987) de carnavalização – que também conta com participação central do humor e segue a lógica das inversões de elementos avessos – e, ainda, ao conceito de Bakhtin (1997) de dialogismo, que, conforme afirmado no início deste artigo, ensina que todo enunciado se constrói não só em relação ao que pretende expressar, mas também aos textos e públicos com o quais interage.

Em todos estes textos e subtextos culturais que se relacionam com a narrativa midiática “Baby do Brasil”, o que se vê são diálogos, costuras que colocam elementos considerados sagrados ou profanos não em distanciamentos, mas em aproximações.

Tais interações indicam que imanência e transcendência “não são aspectos inteiramente distintos, mas dimensões de uma única realidade” (Boff, 2000, p. 6-7). Ainda que diferentes, a vivência do ordinário ou do sacro partem do mesmo lugar: do cotidiano (Pichiguelli; Silva, 2017b) – como é o caso do espaço do palco, em shows, pois este abarca simultaneamente o não religioso e o sagrado, por acolher momentos ritualísticos, nos quais significados são reavivados, renovados, e pela possibilidade de se experimentar um tempo fora do tempo, portanto, transcendente (Elia-de, 1992).

Neste espaço ambivalente do palco – uma vez que abrange tanto o sagrado quanto o profano –, Baby do Brasil transita entre os elementos da cultura gospel, que podem remeter à sacralidade, e os aspectos da cultura secular, que aludem ao não religioso. Neste trânsito, os movimentos para a imanência e para a transcendência embaralham-se. Dessa maneira, a dicotomia – ilustrada pelo indicador de oposição da barra na expressão “gospel/secular” – tende a desaparecer, e é substituída pelo que faz surgir o novo: nem gospel, nem secular, mas “gospel-secular”.

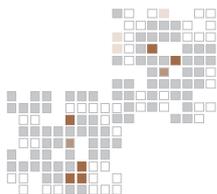


Ilustração 1. Baby do Brasil nas três fases da carreira: secular; gospel; e gospel-secular.



Fonte: Elaboração própria a partir de Fotos de divulgação.

Conforme indicamos em Pichigueli e Silva (2017a), a trajetória musical de Baby do Brasil iniciou nos anos 1970, primeiro com o grupo Novos Baianos e depois em solo, em fase da carreira que denominamos de “secular”; e os anos 2000 marcam sua carreira na fase “gospel”, dedicada à música cristã. Agora, chamamos o atual período da carreira da cantora (iniciada em 2012 com a turnê Baby Sucessos) de fase “gospel-secular”.

O termo gospel-secular representa, assim, a antropofagia, a mestiçagem entre elementos das culturas gospel e secular, a mescla que confunde binarismos e distanciamentos, mas que nem sempre é compreendida, como veremos a seguir.

3. As narrativas jornalísticas: incompreensões

Nas representações jornalísticas a respeito desses movimentos de Baby do Brasil, entretanto, as divisões entre cultura gospel e cultura secular voltam a ter lugar.

As narrativas jornalísticas, como toda narrativa, são formas de mediação dos fenômenos sociais. Através delas, intercambiam-se vivências do dia-a-dia, entrelaçadas em “uma partilha discursiva das possibilidades de compreensão” (Sodrê, 2009, p. 181), de forma a explicitar, criticar e até mesmo transformar aquilo que é experimentado, não só reproduzindo o cotidiano, mas

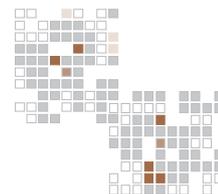
dando-lhe “novos sentidos” (Silva, 2013, p. 10).

A construção da realidade, tal qual traduzida por esses veículos de comunicação, não ocorre de forma natural, tampouco se compõe em isolamento ou é imposta de maneira linear, mas é concebida de modo histórico e social, dialogando constantemente com atores sociais externos ao campo jornalístico, a exemplo de instituições religiosas e de ensino, produtoras que são de significados e conhecimentos (Meditich, 2010).

Por meio das produções jornalísticas, portanto, é possível investigar que pensamentos predominam socialmente em dado período, à medida que o jornalismo repete sistematicamente certos assuntos, ângulos e significações e assim se institui, ele próprio, um acontecimento, ou em outras palavras, “um registro dos valores hegemônicos de uma sociedade em uma época” (Benetti, 2010, p. 162).

Nesse sentido, por meio de análise de conteúdo (Bardin, 2011), identificamos preponderantemente a não assimilação da poética antropofágica de Baby do Brasil, que apresenta um sagrado-profano, amalgamado.

Um total de 91 matérias foram analisadas (publicadas nos portais de notícia www.folha.uol.com.br, www.rollingstone.uol.com.br, www.musica.uol.com.br, www.oglobo.globo.com, www.gospelmais.com.br e www.gospelprime.com.br).



Por possibilidades de cotejos, as publicações analisadas foram selecionadas através de busca guiada pelos seguintes critérios de recorte: a) matérias veiculadas de 11/2005 a 10/2012, período em que Baby do Brasil dedicava-se em maior tempo à música gospel – integrante, portanto, da Fase Gospel da carreira da cantora; b) matérias veiculadas de 11/2012 a 10/2015, período que marca a volta de Baby do Brasil aos palcos seculares e que encontra ápice em sua participação no festival de música Rock in Rio em 2015 – integrante, portanto, da Fase Gospel-Secular da carreira da artista.

Para a seleção do corpus, além dos critérios temporais, foram excluídas matérias em que Baby do Brasil foi apenas citada, como em listas de divulgação de shows, ou nas quais não existia uma representação propriamente dita da cantora, por exemplo: notas de que ela subiu ao palco para cantar uma música em show de outro artista.

Do corpus analisado, observamos que, apesar de diferenças nas representações de imprensas especializadas no universo gospel e de imprensas seculares (não pautadas oficialmente por uma religião), o comum ainda se encontra na cisão entre sagrado e profano. As únicas exceções a este diagnóstico, em 91 publicações, são 4 matérias publicadas em veículos da imprensa secular.

Na análise de conteúdo, as seguintes categorias foram criadas: fase da carreira de Baby do Brasil quando da publicação da matéria; gênero jornalístico; contexto que gerou a matéria; tema principal, colocado em evidência dentro do texto; valores-notícia que geraram e organizaram a publicação; percepção e tratamento do gospel e do secular nas matérias; e representação das narrativas de Baby do Brasil nos textos.

À medida que os textos eram lidos, adicionamos e/ou reformulamos as seguintes categorias de

análise: Conflito Gospel x Secular e Presença do Gospel no Secular (por entender que matérias tratavam os dois temas como diferentes e com distintas nuances de percepção); e ainda: Humor (na forma de escrita do texto ou percebido como característica de Baby do Brasil); e Temas Polêmicos (em razão da incidência de assuntos como sexualidade ou drogas em algumas matérias).

Uma diversidade de abordagens foi revelada, porém, na exploração dos conteúdos, as significações em maioria se nivelam. Aqui, escolhemos apresentar, no intuito de exemplificar o quanto exposto, duas das 91 matérias que compuseram o corpus de pesquisa. Por motivos de espaço, não cabe a esse artigo apresentar a análise de conteúdo completa, que pode ser verificada detalhadamente em Pichiguelli (2019) – com todos os resultados quantitativos por meio de tabelas e gráficos, além de descrições das categorias e subcategorias acompanhadas de excertos ilustrativos.

Desse modo, aqui apresentamos parte dos resultados de pesquisa mais ampla, optando por ressaltar aqueles que interessam à discussão desenvolvida em tópicos anteriores acerca das possibilidades de compreensão de Baby do Brasil enquanto narrativa midiática na fase de sua carreira que denominamos como gospel-secular.

A primeira matéria a se destacar foi veiculada no portal de notícias Música.Uol (imprensa secular). Classificado no gênero jornalístico da Reportagem³³ e em um contexto de repercussão de show, o texto tem o título: “Aos 60, Baby do Brasil ressurgue e afirma: ‘Estou de volta, totalmente matrix’”.

3 Segundo José Marques de Melo, em registro de Lailton Alves da Costa (2010), Reportagem é um “relato ampliado” de algum acontecimento, com “desdobramentos, antecedentes” e descrições “sobre o ‘modo’, o ‘lugar’ e ‘tempo’, além da captação das ‘versões’ dos ‘agentes’” envolvidos (p. 55).

Ilustração 2. Trecho de reportagem do portal Musica.Uol

Mostrando agilidade e muita descontração no palco, Baby brincou com o público ao dizer: “Quando eu recebi o convite do Pedro, ele falou: ‘Mãe, você acha que Deus vai deixar você tocar comigo? Então aperte os cintos’. Eu disse que não sabia que Deus era muito louco. É um prazer maravilhoso estar com vocês e com o menino responsável por essa loucura”.

O momento de maior emoção foi quando Caetano dividiu o palco com Baby para cantar “Menino do Rio” e “Farol da Barra”. “Quando eu fiz 60, você fez 70. Quanto eu tinha 17, você tinha 27. É uma coisa louca, não é? Canto para Deus proteger-te. É o sobrenatural, não é mesmo?”, falou Baby. Mesmo as expressões de Deus que, em muitos momentos, permearam o show, o público não se importou nem um pouco e aplaudia quando Baby lançava suas reflexões.



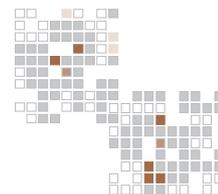
Fonte: Ortiz, 2012.

A partir dos índices de referências estabelecidos na análise de conteúdo (Bardin, 2011), entendemos que os valores-notícia⁴⁴ que guiaram a produção desta reportagem foram os fatores do Inusitado, da Música e das Celebidades, sendo que o tema principal foi a Produção Musical realizada por Baby do Brasil.

⁴⁴ De acordo com Gislene Silva (2005), os valores-notícia orientam “principalmente a seleção primária dos fatos” (p. 95) e permitem “identificar similaridades e diferenciações na seleção ou hierarquização de acontecimentos em diversos veículos da imprensa” (idem, p. 100).

Notada como em local inadequado, a presença do gospel no show secular foi relatada de modo a indicar que o público poderia se incomodar com a inserção, o que não ocorreu. Já a existência de um conflito entre culturas gospel e secular é notada, sem aprofundamento, no trecho: “Perguntada *se tinha saudades* da época dos Novos Baianos e da *transgressão e rebeldia* que marcaram suas atitudes, *Baby se defende*: “Eu não consigo *dividir aquela época com a época de hoje*” (Ortiz, 2012).

As narrativas de Baby do Brasil foram relacionadas ao humor da cantora, que foi notado em



suas falas, como em: “*Baby brincou* com o público ao dizer: ‘Quando eu recebi o convite do Pedro, ele falou: ‘Mãe, você acha que Deus vai deixar você tocar comigo? Então aperte os cintos’” (idem). Entretanto, ainda que a matéria tenha ligado a época da cantora com o grupo Novos Baianos à transgressão e rebeldia, não foram explorados temas polêmicos.

A segunda matéria, também classificada no gênero jornalístico da Reportagem, foi veiculada

pelo portal de notícias Gospelmais (imprensa gospel), em um contexto de agendamento midiático – neste caso, participação de Baby do Brasil no programa de TV Fantástico –, guiada pelos valores-notícia Inusitado, Novidade, Religião, Celebridade e Música, sob o título: “Evangélica, Baby do Brasil anuncia show comemorativo de 60 anos com músicas seculares: ‘Deus deu sinal pra entrar na Babilônia’”.

Ilustração 3. Trecho de reportagem do portal Gospelmais



Jean Wyllys 
@jeanwyllys_real



Baby [Consuelo] do Brasil, seja bem-vinda de volta à "Babilônia"! Queremos você cheia de vida e artista de novo! #Fantástico

Porém, a pastora [Sarah Sheeva](#), filha de Baby do Brasil, demonstrou insatisfação com a notícia, e tratou de postar um texto em sua [página oficial no Facebook](#), comentando indiretamente o fato, e assegurando que não tomará postura parecida: “Alguns assuntos são muito delicados para se comentar, principalmente quando envolvem pessoas que amamos. Aproveitando algumas notícias da mídia, e já respondendo as perguntas que estão me enviando a respeito, existe algo que vocês podem ter certeza sobre mim: Eu jamais voltarei a cantar músicas que não sejam de adoração a Deus. É uma decisão, não apenas profissional, mas espiritual e ministerial”.

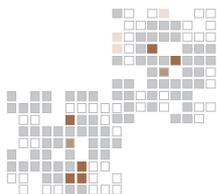
Fonte: Chagas, 2012.

Nesta reportagem, o conflito entre as culturas gospel e secular é um dos destaques da matéria, por conseguinte, seu tema principal e, ainda, o motivo de uma abordagem em tom de polêmica. Não há descrições sobre as inserções que Baby do Brasil faz de elementos do gospel em palcos seculares, o que se atribui ao fato de que a matéria foi gerada por uma entrevista que a cantora concedeu a um programa televisivo.

Por outro lado, mesmo que na entrevista na íntegra (Almeida, 2012) seja possível perceber que Baby do Brasil lança mão do humor para tecer

suas narrativas, o cômico não se faz presente neste texto que, em sua maior parte, dá voz não à cantora, mas à sua filha, Sarah Sheeva, em tom de problematização da narrativa de Baby do Brasil. A reportagem cita outras personalidades que reagiram (em redes sociais, por exemplo) à matéria do Fantástico, mas o espaço maior é dado à filha de Baby do Brasil, que é pastora e cantora gospel.

Após dois parágrafos inteiros dedicados a declarações de Sarah Sheeva sobre entender, a partir de sua fé, que a música secular não deve fazer parte da vida de quem é evangélico, o texto jor-



nalístico abre aspas para Baby do Brasil, ao mencionar que a artista “afirmou em sua entrevista ao Fantástico que sua decisão de aceitar o convite do filho para voltar aos palcos com o repertório secular foi tomada com base em orações” (Chagas, 2012). Logo em seguida, entretanto, há novamente parágrafo inteiro voltado à posição de Sarah Sheeva, o qual encerra a reportagem:

Em seu texto, a pastora Sheeva ressaltou seu abandono ao secular de forma integral: “Precisamos ser um tipo de crente que, se Deus mandar deixarmos algo, deixamos na hora! Precisamos ser um tipo de crente que ‘põe a mão no arado e não olha mais para trás...’ Porque quem põe a mão no arado e olha para trás (sente saudades do mundo) não é digno de Jesus. Não foi fácil para mim, não foi fácil deixar certas músicas... Mas eu amo Jesus mais. Eu amo Jesus mais do que qualquer prazer deste mundo” (idem).

O que percebemos, a partir dessas reportagens (que aqui servem como amostras dos resultados obtidos na análise de conteúdo completa), é que, ao não darem conta da costura entre culturas promovida por Baby do Brasil, há uma semelhança entre elas.

Isso ocorre apesar de apresentarem diferentes enfoques e percepções, assim como ocorre nas demais matérias analisadas, que, por exemplo, manifestam uma variedade de temas principais, como: a personalidade de Baby do Brasil; aspectos da fé propagada pela cantora; a narrativa da artista sobre a volta ao repertório de MPB após período dedicado à música gospel; presença de elementos do gospel em ambientes seculares; temas polêmicos como drogas e sexualidades; ações inusitadas da cantora, entre outros.

Nessa mesma composição de matizes, estão as formas pelas quais os veículos de imprensa representaram as narrativas de Baby do Brasil em cada matéria, englobando: atribuições a um

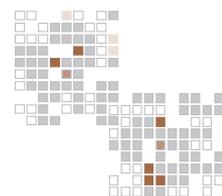
proselitismo religioso, ou seja, a um discurso de pregação institucional cristã; legitimações; suspeitas; distorções; ocultações; atribuições ao humor ou à personalidade excêntrica da cantora; apropriação para construção textual ou colocação das narrativas entre aspas, em textos que buscaram aparentar imparcialidade ou distanciamento quanto ao relatado; entre outros modos de representações.

Assim, a despeito da pluralidade de perspectivas catalogadas no processo de subcategorização durante a análise de conteúdo, o que temos, de modo geral, é que após as divisões que buscaram diferenciar cada modo de tratamento dado à Baby do Brasil (enquanto narrativa midiática) é possível realizar um reagrupamento significativo em maior parte do material analisado, a partir da atenção às significações atribuídas a cada uma dessas formas representativas.

Na imprensa gospel (37 matérias, das 91 que compõem o corpus), entre as publicações veiculadas na fase gospel-secular da carreira de Baby do Brasil (21 de 37), a maioria evidencia a existência de um conflito entre as duas culturas, além de abordar o tema com destaque e tom de polêmica (13 de 21).

A não indicação de uma representação de conflito nas demais matérias veiculadas nesse período, entretanto, não aponta para uma compreensão do sagrado-profano em Baby do Brasil, pois as publicações se dividem entre as que buscam aparentar neutralidade, deixando as falas da artista entre aspas (3 de 21); as que relatam com suspeita as narrativas da cantora (2 de 21); e as que as relacionam à sua personalidade excêntrica ou a um proselitismo religioso (2 de 21).

Pelo exposto, no reagrupamento de significados, a ampla maioria das matérias (20) veiculadas nesse período não apreendem compreensivamente a narrativa midiática de Baby do Brasil, com suas mesclas culturais. Apenas uma matéria – das 21 publicadas na fase gospel-secular de Baby do Brasil em impressas especializadas na



cultura gospel – legítima a narrativa da cantora, entretanto, somente sobre os dogmas da fé cristã.

Já na imprensa secular (54 das 91 publicações que compõem o corpus), não há com superioridade a representação da existência de um conflito entre as culturas gospel e secular, porém, nas matérias publicadas na fase gospel-secular da artista (46 de 54), também não há indicativo de compreensão das mesclas de Baby do Brasil.

A grande parte dessas matérias (41 de 46) busca: ora ocultar ou não abordar as narrativas da cantora que envolvem temas religiosos (8 de 46); ora as deixando entre aspas ou usando somente para construção textual (15 de 46); ora as relacionando a um proselitismo evangélico ou à excentricidade da artista (13 de 46); e ora, ainda, as satirizando, problematizando ou distorcendo (5 de 46).

Outro indício do exposto são os relatos das inserções de características do gospel em ambientes seculares, pois mesmo que não apontem para um conflito, revelam um estranhamento, ou, ao menos, sinalizam a presença de elementos distintos e não integrados aos âmbitos da música secular (23 de 46).

Esses dados não significam, entretanto, que as demais 23 publicações apontam para significados diferentes daqueles aqui já demonstrados, pois como exposto acima, em alguns casos, por exemplo, existiu a ocultação das narrativas tecidas por Baby do Brasil, no lugar de tratamento compreensivo.

Outro notável exemplo que emerge da observação comparativa entre categorias e subcategorias estabelecidas na análise de conteúdo é uma matéria (dentre 5 de 46) que, apesar de ter representado a narrativa de Baby do Brasil demonstrando apreender a linguagem da poética antropofágica utilizada pela cantora, não apresentou compreensão das implicações culturais dessa poética, posto que relatou a presença de elementos do gospel em ambiente secular como inadequada.

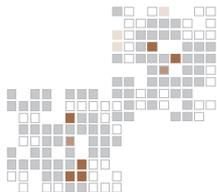
4. Palco do público: narrativas de oposição

De tudo quanto exposto, depreendemos que, mesmo nas matérias em que o entrelaçamento entre gospel e secular não foi percebido como problemático, gerador de conflitos, a distância que separa essas duas culturas aparece com predomínio nas representações das imprensas, seja pelo apontamento, de alguma maneira, da existência dessa cisão, seja pelos raros indícios de assimilação do sagrado-profano presente na religiosidade expressa midiaticamente por Baby do Brasil.

O que se destaca, deste modo, na análise das publicações, é a incompreensão do que atravessa a poética antropofágica de Baby do Brasil, na qual elementos aparentemente díspares convergem, não sem tensão, mas sem contradições completas, com complementaridades que formam conexões mais complexas e densas.

Dentre as compreensões possíveis, estão as de que: sagrado e profano não são opostos, mas complementares (Boff, 2000); a MPB (do repertório da cantora na turnê Baby Sucessos) é permeada de expressões de espiritualidade; e o palco, espaço onde a artista mescla aspectos irreligiosos e evangélicos, é em si ambivalente, simultaneamente profano e sagrado, por acolher momentos ritualísticos, nos quais significados podem ser reavivados e é possível experimentar um tempo de transcendência, que se materializa na possibilidade de se romper com o próprio tempo (Eliade, 1992).

Longe de um fim, este trabalho aponta, nas construções simbólicas que permeiam a sociedade brasileira, a predominância da divisão, do conflito, da oposição, e, portanto, da polarização entre cultura evangélica e cultura secular – o que revela a necessidade de ainda muitas reflexões sobre o que atravessa, embasa e fomenta esse cenário sociocultural, que, como visto, repercute nos diversos campos da esfera pública.



Referências

- ALMEIDA, M. Baby do Brasil comemora 60 anos e volta aos palcos. **Youtube**, 28 out. 2012. Disponível em: <https://bitly.com/Uqfni>. Acesso em: 31/03/21.
- ANDRADE, A. P. 'A carne não me vence', diz Baby do Brasil, sem sexo há 13 anos. **Ego Notícias**, 2012. Disponível em: encurtador.com.br/xAMS6. Acesso em: 31/03/21.
- ANDRADE, O. **Manifesto antropófago e manifesto da poesia paulista-brasil**. In: TELES, G. M. Vanguarda europeia e modernismo brasileiro. 3ª. ed. Brasília: Vozes, 1976. Disponível em: encurtador.com.br/wDSZ6. Acesso em: 31/03/21.
- BAKHTIN, M. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1987.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 1ª. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRASIL, B. Baby do Brasil – Estúdio MTV (Show Completo). **Youtube**, 12 dez. 2017. Disponível em: encurtador.com.br/izSW1. Acesso em: 31/03/21.
- BENETTI, M. O jornalismo como acontecimento. In: BENETTI, Márcia e FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **Jornalismo e acontecimento: Mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.
- BOFF, L. **Tempo de Transcendência: O Ser Humano como um Projeto Infinito**. São Paulo: Lumensana Publicações Eletrônicas: Sextante, 1992.
- CHAGAS, T. Evangélica, Baby do Brasil anuncia show comemorativo de 60 anos com músicas seculares: “Deus deu sinal pra entrar na Babilônia”. **Gospelmais**, 2012b. Disponível em: encurtador.com.br/xPY04. Acesso em: 4 de abril de 2017.
- CUNHA, M. N. **Do púlpito às mídias sociais: evangélicos na política e ativismo digital**. 1.ed. Curitiba: Editora Prismas, 2017.
- CUNHA, M. N. Elucidações contemporâneas nos estudos brasileiros em mídia e religião: a perspectiva das mediações culturais e comunicacionais. **Famecos**, Porto Alegre-RS, v. 23, n. 1, p. 1-17, mai./ago. 2016.
- CUNHA, M. N. **Vinho Novo em Odres Velhos: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil**. Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 347. 2004. (Tese).
- DA COSTA, L. A. Gêneros jornalístico. In: MARQUES DE MELO, J.; ASSIS, F. (Org.). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Paulo: Metodista, 2010.
- ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LOTMAN, I. **A estrutura do texto artístico**. Lisboa: Estampa, 1978.
- LOTMAN, I.; USPENSKII, B. A. Sobre o mecanismo semiótico da cultura. In: LOTMAN, I.; USPENSKII, B.; IVANÓV, V. **Ensaio de semiótica soviética**. Lisboa: Livros Horizonte, 1981. Cap. 3, p. 272.
- MARTINO, L. M. S. A compreensão como método. In: KÜNSCH, D. A., et al. **Comunicação, diálogo e compreensão**. São Paulo: Plêiade, 2014. p. 309.
- MEDITSCH, E. Jornalismo e construção social do acontecimento. In: BENETTI, M.; FONSECA, V. P. S. **Jornalismo e acontecimento: Mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.
- ORTIZ, F. Aos 60, Baby do Brasil ressurge e afirma: “Estou de volta, totalmente matrix”. **Música Uol**, 2012. Disponível em: encurtador.com.br/knrGO. Acesso em: 31/03/21.
- PICHIGUELLI, I. R.. Humor em Baby do Brasil: as narrativas da cantora entre o gospel e o secular. In: **XI Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura**, 2017, Sorocaba-SP. Anais XI EPECOM. Sorocaba-SP: Eduniso, 2017. p. 1-15.
- PICHIGUELLI, I.; SILVA, M. C. C. Processos interculturais em Baby do Brasil: caminhos para compreender o trânsito da cantora entre o gospel e o secular. **Revista Contemporânea**, UFBA, Online, v. 15, p. 900-917, 2017a.
- PICHIGUELLI, I.; SILVA, M. C. C. . Comunicação, Poesia e o Religioso. **Revista Comunicologia**, Brasília-DF, v. 10, p. 3-18, 2017b.
- PICHIGUELLI, I. **Para além do gospel e secular**. Aluminio, SP: Jogo de Palavras, 2019. Disponível em: encurtador.com.br/mBLT2. Acesso em: 01/04/21.
- ROCK, B. & C. **BANDA GLÓRIA & BABY DO BRASIL - 17/02/2015 - Show Completo - Largo da Batata - São Paulo**. **Youtube**, 19 fev. 2015. Disponível em: encurtador.com.br/kuQR5. Acesso em: 22 de junho de 2018.
- SILVA, G. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 95-107, 2005.
- SILVA, M. C. C. João da Filmadora e as narrativas midiáticas. **Culturas Midiáticas**, João Pessoa-PB, v. 6, n. 11, p. 1-12, jul./dez. 2013.
- SILVA, M. C. C.; SANTOS, T. C. Peregrinação, experiência e sentidos: Uma leitura de narrativas sobre o Caminho de Santiago de Compostela. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 18, n. 2, p. 15, maio/agosto 2015.
- SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- VARGAS, Herom. Tinindo trincando: contracultura e rock no samba dos Novos Baianos. **Revista Contemporânea**, Salvador, v. 9, n. n. 3, p. 461 -474, set.-dez. 2011.

